

O MUSEU CONTEMPORÂNEO: DA CAIXA DE TESOURO AO CENTRO MULTIFUNCIONAL

Edson da Cunha Mahfuz, Arq. PhD
Prof. Titular (UFRGS)

Nas últimas três décadas, muitas cidades do mundo ocidental assistiram à construção de um número sem precedentes de museus. Pode-se inclusive dizer que o museu é a espécie de edifício que representa as últimas décadas do século XX, pois nessas décadas foram construídos mais museus do que no resto do século.

Há várias explicações para o fenômeno, mas parece fazer mais sentido a que relaciona a construção de centenas de novos museus em curto espaço de tempo com o surgimento da chamada “indústria da cultura”, consequência do aumento da importância do setor de serviços na cidade pós-industrial e do crescimento do setor de turismo, em função da disponibilidade cada vez maior de tempo dedicado ao ócio em muitos países.

Some-se a isso o fato de que a competição entre países e cidades passa a se dar também no aspecto cultural. Ou seja, os equipamentos culturais são hoje vistos e concebidos como infraestrutura, influenciando a instalação e relocação de pessoas e empresas. Um terceiro motivo do recente surto de construções para museus se deve à busca de uma identidade definida, ligada à cultura, por parte de muitas sociedades, por meio de suas administrações.

A situação atual demonstra claramente que, ao longo de dois séculos, houve não apenas um crescimento do número de museus existentes mas importantes mudanças na própria natureza dos mesmos. Por um lado, houve uma grande ampliação do conteúdo dos museus. Se no início os museus eram locais para a coleção e mostra de arte, curiosidades e objetos pertencentes à história natural, com o passar do tempo foram se especializando e hoje é possível encontrar museus dedicados às temáticas mais diversas e até surpreendentes.

Assim, pode-se dizer que os museus atuais se encaixam em duas grandes categorias. Por um lado, museus de caráter didático (de arte e de ciência e tecnologia), que tem o objetivo de cobrir períodos e temas extensos. Por outro lado, museus específicos ou monográficos (opostos à ideia de um museu universal), que tratam de um único tema como, por exemplo, os museus do Cinema, do Selo, do Automóvel, o Vitra, dedicado a cadeiras, e o Museu Iberê Camargo, dedicado à obra do grande pintor gaúcho. Há inclusive casos em que o “acervo” é externo ao museu, como é o caso do Museu dos Glaciares, na Noruega, que é na verdade uma plataforma de observação das geleiras.

Mas a transformação da natureza programática do museu contemporâneo é

tão significativa que talvez seja mais correto passar a chamá-lo de centro cultural, pois as atividades nele desenvolvidas vão muito além da exposição de objetos de qualquer espécie. Desde o início da história do museu, constata-se uma dicotomia programática que será o embrião de uma diversificação crescente: o museu como preservador da memória ou como centro didático universal. A partir disso, há uma evolução do museu desde o seu início como caixa de tesouro dedicada a um ou poucos temas até a quase multifuncionalidade atual.

Um dado quantitativo que ilustra a afirmação anterior se refere à relação entre áreas de exposição e espaços colaterais, antes chamados de apoio. No museu tradicional, isto é, todos construídos até a década de 1970, os espaços de exposição representavam 8/9 do total da área construída. No museu/centro cultural contemporâneo essa relação se inverteu dramaticamente, passando os espaços de exposição a representar 1/3 da área total! Com o passar do tempo, às salas de exposição vão se agregando: espaços para reserva de acervo; ateliês para artistas, restauradores e fotógrafos, etc.; salas de conferência e de imprensa; auditórios e teatros; ateliês e salas de aula; centros de informação; bibliotecas e midiatecas; escritórios; lojas e livrarias; bares, cafeterias e restaurantes.

Se, por um lado, essas transformações programáticas podem indicar, em alguns casos, uma perigosa afinidade do museu contemporâneo com os centros comerciais e sua banalidade baseada no consumo acrítico, na maioria dos casos contribuem para qualificar a vida urbana, oferecendo novas opções de lazer à populações hoje limitadas aos passeios nos *shoppings* ou à hipnose televisiva.

Em termos da sua arquitetura, o museu moderno é um elo em uma cadeia de passos que inicia com coleções privadas que abrigavam objetos artísticos, coleções naturais e curiosidades. Inicialmente abrigados em palácios privados, é no final do século XVIII e início do XIX que se inicia a conceber e construir edifícios dedicados especificamente a essa atividade. O museu pré-moderno (e muitos dos atuais que são abrigados em edifícios históricos) pode ser caracterizado como uma caixa opaca, cujo interior é um espaço compartimentado distribuído sequencial e hierarquicamente. Essa caixa é possuidora de alto valor simbólico, e com uma capacidade de permanência determinada pela alta definição formal baseada no uso dos estilos históricos. Esse museu ainda mantém seu caráter de caixa de tesouro, cripta, etc.

A partir das vanguardas modernas, passa-se a desejar que os museus para a nova sociedade industrializada apresentem as seguintes características: planta livre e flexível; transparência; espaço universal; neutralidade; precisão tecnológica como identidade e ausência de mediação entre espaço e obra.

Ao longo do século, nem o museu de espaços compartimentados sequenciais desapareceu por completo, e até teve um forte ressurgimento nos anos 1980, nem o

modelo do museu transparente e de planta livre se tornou dominante, tendo sido realizado em relativamente poucas ocasiões.

Um estudo razoavelmente cuidadoso dos museus realizados no século XX sugere uma série de temas projetuais que parecem ter uma validade geral. No que se refere ao acesso e circulação há grande preocupação em definir como é revelado o saber contido nos museus, se aos poucos, por meio de um percurso sequencial, ou de uma vez só, propiciando visão global e imediata.

Um aspecto fundamental da produção museística atual é sua preocupação com a incorporação de mudanças inevitáveis embora imprevisíveis: tanto a possibilidade e até necessidade de crescimento através de adições quanto a necessidade de adaptação interna à novas idéias museográficas.

O tema da ambientação dos museus traz à tona algumas dúvidas importantes. O espaço de exposições deve se caracterizar pela neutralidade ou pela expressividade? Deve haver uma relação entre o espaço de criação e o de exposição da obra de arte? Podemos lembrar que o ateliê clássico encontra sua contrapartida nas salas dos museus tradicionais, assim como os *lofts* onde costumam trabalhar muitos artistas norte-americanos se assemelham aos grandes galpões reciclados que constituem muitos centros de cultura contemporâneos.

As discussões sobre a forma do museu contemporâneo também se relacionam à oposição neutralidade x expressividade. Compacidade (economia de meios, representada pelo MASP, de Lina Bo Bardi ou o MuBe, de Paulo Mendes da Rocha) ou fragmentação (forma escultórica, cujo exemplo mais notório é o Guggenheim de Bilbao) são os dois pólos que definem a maior parte da produção do século XX.

A natureza da iluminação é outro contencioso entre curadores e arquitetos: natural ou artificial? Pelo lado ou desde cima?

Por último, é notória a preocupação dos arquitetos envolvidos com a produção do museu contemporâneo com as conexões entre os edifícios e o lugar em que se inserem. Felizmente estão para trás os tempos em que era permitido construir edifícios que voltavam suas costas ao seu entorno; a preocupação atual está centrada em qualificar e estabelecer conexões positivas com o contexto dos museus.

O interesse atual de arquitetos, sociólogos e administradores municipais pelo desenvolvimento do museu contemporâneo é plenamente justificado, por várias razões. Em primeiro lugar, por serem exemplos de arquitetura pública por excelência, os museus possuem um alto valor simbólico, pois são os monumentos das sociedades modernas. Em segundo lugar, os edifícios que os abrigam tendem a funcionar como focos urbanos que articulam e estimulam o desenvolvimento dos lugares onde são construídos. Em terceiro lugar, é um fenômeno bastante conhecido do final do século XX e início deste o fato de que as atividades cívicas e de associação parecem ter se transferido da praça e da rua para edifícios de uso cultural, como os museus, ou

voltados para o consumo, como os shoppings (o que, em alguns casos, é quase a mesma coisa). Por isso, voltar nossa atenção para os museus do início deste novo é século é seguir, de algum modo, a evolução da vida pública das cidades. Daí a sua importância transcendental.